

te Reagan e sua equipe econômica afirmavam, assim como o Sr. George Schultz, que através de investimentos estrangeiros e do comércio poderíamos sair das dificuldades em que nos encontramos. Mas, ao mesmo tempo, o que vemos constantemente são barreiras alfandegárias, tornando cada vez mais difícil o acesso dos nossos produtos aos mercados dos países ricos. Congratulo-me com V. Ex^a pelo pronunciamento da maior importância, que deve ser, sem dúvida alguma, levado como tema para que nós, por vezes, deixemos de discutir problemas que não têm maior significado para a economia do País e abordemos questões, como V. Ex^a o faz, com tanta propriedade. Felicito-o pelas suas palavras neste momento.

O SR. VICTOR FACCIÓNI — Agradeço ao nobre Deputado José Lourenço o aparte. V. Ex^a fala com conhecimento de causa não só da Bahia, mas de toda a Região Nordeste que, efetivamente, tem na produção do fumo um segmento importante da sua economia na tradição da história daquele Estado e de toda aquela área. V. Ex^a aflora um aspecto muito importante das relações internacionais do momento, principalmente em termos de Brasil-Estados Unidos, quando destaca o problema da dívida externa e dos juros escorchantes que nos são cobrados. Ora, parece que os Estados Unidos têm interesse de maior monta no Brasil para estarem agora criando problemas num setor de atividade específica e de interesse social como o do fumo. Poderia haver restrições do governo americano à importação do fumo. Se se tratasse de uma concordância que iria criar algum problema de ordem econômica ou social dentro da economia americana, seria compreensível. Mas não é o caso. Que tipo de parceiro tem o Brasil no campo comercial e no campo político?

Nobre Deputado Denisar Arneiro, ouço V. Ex^a, que muito me honra com seu aparte.

O Sr. Denisar Arneiro — Nobre Deputado Victor Faccioni, ninguém mais do que V. Ex^a tem autoridade para falar sobre o problema do fumo, porque é do Estado do Rio Grande do Sul e de uma região fumageira. Mas quero ajudá-lo a encontrar uma solução para esse intercâmbio entre Brasil e Estados Unidos. Sabemos perfeitamente que o calcanhar-de-aquiles do americano está somente em o Brasil criar um problema na importação de filmes, discos e fitas cassetes americanos e, no dia seguinte, estará Embaixador americano, ou quem por que seja, de joelhos, diante das nossas autoridades, porque aquela é a forma de eles exportarem sua música, de dominarem o mundo com sua cultura. Se conseguirmos fazer isso, tenho certeza de que eles voltarão atrás em todas as suas exigências. Basta cortarmos a importação de filmes e música americanos, e eles negociarão conosco aço, fumo, tudo aquilo que quisermos.

O SR. VICTOR FACCIÓNI — Diz muito bem V. Ex^a: não há como se pensar em trocar nossa cultura, nossa produção musical e de filmes, hoje, pela produção americana. Não há por que queremos trocar o jazz pelo samba, para não falarmos em tantas outras manifestações da música, da dança e do folclore.

Está aí também um aspecto importante que V. Ex^a traz com muita propriedade e oportunidade. Seu aparte, Vice-Líder do PMDB, o maior partido de Oposição, dá uma demonstração de interesse maior desta Casa em torno do problema da economia do fumo e das restrições que o governo americano está fazendo a uma atividade tradicional das relações comerciais Brasil — Estados Unidos.

Mas, e como já ocorreu com outros exemplos de produtos bem aceitos no mercado externo, esse sucesso não traz só benefícios, pois parece ser o sinal para despertar entre os nossos vizinhos norte-americanos a pressa em estabelecer — contra eles — a barreira protecionista.

Desde 1983 os Estados Unidos têm adotado as mais diversas medidas para alcançar dois objetivos principais: aumentar o custo do fumo importado (inclusive US\$ 130 milhões do Brasil) e restringir o volume das referidas importações, de tal forma que:

1) Introduziram uma taxa de classificação de US\$ 0,55/cwt alegando que o fumicultor americano paga essa taxa e, portanto, o fumo importado também deveria pagá-la.

Sucedo, no entanto, que ao ser entregue pelo fumicultor brasileiro, o fumo é fiscalizado com o devido custo, por representantes do Ministério da Agricultura. E cada variedade é classificada a partir da sua posição no pé, da sua textura e de outros critérios.

A seguir, várias classes de fumo são misturadas para formar o "blend" ideal e, finalmente, o resultado é triturado — obviamente antes da exportação — para a fabricação dos cigarros.

Ora, nessas condições é impossível efetuar uma classificação. A taxa, portanto, é paga sem qualquer possibilidade de averiguação.

2) A taxa alfandegária foi aumentada em 84%, ou seja: de US\$ 0,17/libra para US 0,32/libra.

3) A fumicultura americana é altamente subsidiada e, mesmo assim, com inclinação para produzir fumos caros e quantitativamente superiores à demanda nacional e de exportação.

Sendo que o excesso é estocado para a eventualidade de complementar a produção seguinte e, num ano de safra menor, equilibrar o preço.

Como esse fato não tem ocorrido, este ano foram colocados no mercado nacional americano e no internacional estoques de várias safras, a partir da de 1976, equivalentes em quantidade a duas safras totais brasileiras, com descontos que variam de 10% a 90%.

Assim, um produto altamente subsidiado por oito anos, está sendo oferecido ao mercado por 10% do seu valor.

4) Em setembro deste ano, o Presidente Reagan enviou à ITC, (Internacional Trade Commission) pedido para que se investigasse se a importação do fumo estava prejudicando o sistema interno de suporte de preço. Caso seja positiva a resposta, é facultado ao Presidente impor um sistema de cotas ou aumentar a taxa sobre as importações.

Em termos práticos, essa medida — sozinha — poderá reduzir as exportações brasileiras em até US\$ 100 milhões por ano!

Sr. Presidente, Srs. Srs. Deputados, urge a coordenação e liderança, a nível de governo para governo, da luta contra essas medidas, quer junto a congressistas americanos e diversos setores do Executivo, ou durante encontros aqui no Brasil junto a empresários dos dois países.

Devemos observar ainda que os Estados Unidos, inclusive, utilizam parte do fumo importado ao Brasil para reexportação no mercado internacional, concorrendo com o produto brasileiro com vantagem de crédito.

Sendo, Sr. Presidente e Srs. Deputados, matéria, tem o maior interesse não só dos Estados do Sul e do Nordeste, mas da Nação como um todo, formulamos desta tribuna especial apelo no sentido de maior empenho do Governo Brasileiro, para procurar desobstruir os entraves do Governo americano ao fumo brasileiro. E apelo ao próprio Governo americano, que, afinal de contas, deve considerar positivamente as possibilidades de exportação de produtos brasileiros, como parceiro que não pode e não deve ser desconsiderado.

O SR. PRESIDENTE (Paulino Cícero de Vansconcellos) — Concedo a palavra ao Sr. Mário Juruna, na qualidade de Líder do PDT

O SR. MÁRIO JURUNA (PDT — RJ. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, eu não vou dizer o nome

da pessoa, porque eu quero falar do problema da confusão do branco, problema da eleição do branco, problema da mudança do Presidente da República. Quero lembrar ao Presidente da República, Chefe da Nação, João Baptista, ele tinha deixado muita liberdade para o povo, liberdade para a Nação, mas ele não pode fazer tudo como a gente pensava. Muito assessor não levava a sério aquilo que a gente precisava. Então, todos nós fomos ceitados pelo povo, Governador, Vereador, Prefeito, e todos nós recebemos o voto do povo. Então eu acompanho eleição hoje, a política do branco e a política da Nação.

Eu pensava, aqui na Câmara, que é muito mais fácil a gente viver no sertão, no selvagem, mas aprendi muita coisa da vida de Deputado que representa a comunidade da Nação, o brasileiro. Eu, hoje, vejo todo companheiro lutar para eleger Presidente da República, aqui, em 86 ou 88. E nós não discutamos nada, 88 nem 86. Escuto a palavra de cada um, de Deputado. Gente fala com dois mandatos-tampão. Quando eu assumi aqui, a gente falava em eleição direta já, em 88, 86. Outro fala: "Vamos votar no Colégio eleitoral para eleger Presidente da República". Onde está o Deputado eleito pelo povo? Onde o pessoal está caminhando? Onde o pessoal está levando a mudança? Essa não é a mudança que a gente faz, essa não é a mudança do índio. É mudança do branco, que sempre cria problema dentro do seu País, dentro do nosso patrimônio. E o povo brasileiro nunca foi eleito, nunca teve oportunidade para chegar no poder, esperando que todo Deputado esteja ao lado do povo, ao lado da Nação. O povo vai perdendo a confiança em todos nós.

Mas em mim, o Deputado Mário Juruna, ninguém perde a confiança, então, no Deputado branco tem muita gente que não acredita mais. É triste estar vivendo no meio do branco, mas a minha carreira é válida também, para poder representar a comunidade da Nação indígena, a comunidade da Nação brasileira, como a comunidade da Nação pobre e comunidade da Nação trabalhadora e o camponês. Sou o único Deputado que chegou sem dinheiro aqui na Câmara. Sou o único Deputado que nunca fez a minha vida, eu já fiz a minha vida defendendo o povo. Já fiz a minha vida para poder defender minha Pátria, defender minha Nação e defender patrimônio. Então, a gente escuta todo o dia: eleição direta deve sair agora, hoje ou amanhã. E por que o Projeto não foi aprovado quando estávamos discutindo este Projeto de lei do Dante de Oliveira? Por que não foi aproveitado o ano atrasado? E agora todo mundo quer eleição direta já. Agora todo mundo quer o Colégio Eleitoral. Agora todo mundo quer também dois mandatos-tampão. Como é que a gente vive desse jeito, companheiro? Como é que se vive desse jeito, sem sossego? Não tem pensamento firme, não tem positivo, só acontece negativo na cabeça do povo. Então, eu também quero defender a Nação e defender o Presidente da República, porque o Presidente da República João Figueiredo não é tão ruim. Quando assumiu, quem atrapalhou sua administração foram os assessores. Os assessores é que atrapalhavam. Mas não é só com ele, Sempre é o assessor que atrapalha o seu patrão, o seu Ministro. Vai acontecer o mesmo com o Tancred^o Neves que vai assumir agora, também? Não vai ser atrapalhado?

O Sr. Cristiano Cortes — Permite V. Ex^a um aparte, Deputado Mário Juruna?

O SR. MÁRIO JURUNA — Com muito prazer, meu companheiro, dou o aparte a V. Ex^a

O Sr. Cristiano Cortes — Conheci V. Ex^a ainda rapaziinho. Vejo que está embaralhado ao ver o processo sucessório, que tem, no seu encaminhamento, diversos segmentos partidários. Vejo que V. Ex^a, neste momento, se sente confuso ao ver que aqueles que há tão pouco defendiam nas praças públicas eleições diretas hoje ptegam e lutam para que esta eleição só venha daqui a seis anos. V. Ex^a tem razão. Mas quero dizer ao nobre Deputado

Mário Juruna, um homem que viveu sempre no sertão, sempre em contato com a natureza, não tem, não sentiu ainda a ganância do poder. E veja V. Ex^a que aquiés que defendiam as eleições diretas em praça pública, hoje, porque já sentem um pouco do cheiro do poder, são contrários a esta eleição, mesmo que seja em 1988. Muito obrigado pelo aparte.

O SR. MÁRIO JURUNA — Muito obrigado a V. Ex^a Fico muito satisfeito com seu aparte. Parece que meu deu inspiração, porque V. Ex^a vive na minha região, no norte do Mato Grosso. Sou criatura do mato, do sertão, V. Ex^a sabe muito bem. V. Ex^a acompanhou minha luta no início e antes de 64. Mas não tenho aprendido também a ganância do branco, até hoje não aprendi nada. Não aprendi o jogo de interesse do particular, não aprendi nada. A ganância do branco até hoje não aprendi e nem vou aprender. Sou homem muito simples. V. Ex^a me conhece muito bem. Sinto muita dor no coração aqui na Câmara Federal. Eu nunca vou estar satisfeito aqui na Câmara Federal, porque eu também sou parte e tenho que cumprir a minha obrigação, o meu dever de defender mais ainda a nossa Pátria. É muito bonito ser Deputado, mas Deputado não pode ser bonito. Deputado tem que praticar também para fazer alguma coisa em benefício da Nação, em benefício do povo brasileiro. Quero fazer mais ainda em benefício do povo. Mas não posso fazer nada também. Sou Deputado, tenho minha autoridade para poder xingar qualquer autoridade. Se tivesse poder, talvez eu mudasse o Brasil. Então, esse Governo brasileiro nunca vai assumir compromisso com o povo, nunca vai lembrar do brasileiro, nunca vai prestigiar o Brasil, todo Governo brasileiro, civil. Eu conheço a tradição do Governo civil, o tempo da República, o tempo do Império, o tempo do Presidente da República. E quanta gente foi expulsa da sua terra, o próprio índio. Ninguém muda nada. Ninguém representa a Nação.

Tenho muito medo ainda de como vai ficar o Brasil, porque toda vez que eu ligo para o Tancredo Neves, querendo conversar com ele muita coisa, o assessor fica barando a gente — antes de ser Presidente. Então, sou contra toda autoridade. Vou chegar até esse ponto. Mas eu confirmei votar para Tancredo Neves. Quero votar para o Brasil, quero votar para o povo, porque eu quero o povo, eu quero a Nação. Eu não quero votar com candidato. Então, eu já tenho proposta para o Tancredo Neves, e eu ligo todo dia e não acho. Eu falo e a porta está fechada. Isso é vergonha. Está faltando criar vergonha na cara, porque não pode ele desrespeitar autoridade, não pode tratar V. Ex^a “você é bonito”, ele não pode tratar ninguém. Eu também queria votar para Paulo Maluf, mas ele tem defeito também, ele tem defeito. Ele não é homem positivo, mas ele é muito bom político, ele é muito simpático com o povo, ele tem muita comunicação com o povo. Mas não é por isso que eu vou me comprometer com companheiro Paulo Maluf. Eu não posso meter pau no companheiro Paulo Maluf, mas espero que ele aponte primeiro: e Juruna não presta, Juruna não é nada. Então, quero que gente aponte primeiro. Como mato-grossense, Governador do Estado de Mato Grosso, o Júlio Campos, essa semana, todo dia ele está metendo pau no meu nome. Ele é mais velho que eu. Ele tem mais educação. E por que ele está metendo pau em mim? Empresário, ele tem quatro fazendas. Fica roubando dinheiro da Nação como qualquer candidato, qualquer Presidente da República que aplica dinheiro da Nação na fazenda dele. Porque esse Governador, nosso companheiro mato-grossense, que tirou 33 mil professoras e tinha botado na rua, ainda quer apontar, fica dizendo a vida do Deputado Juruna? Ele não fez nada com a vida dele. Tinha roubado o povo na votação, na hora da eleição. Tinha jogado a pessoa que votou dentro do Rio Cuiabá, jogou do avião e ninguém disse nada. Agora, por que o branco tem coragem de mexer com a vida do Deputado Juruna? Eu acho que o Branco não pode mexer na vida do Deputado Juruna. Eu acho que o branco é

comprometido, todo branco tem muita malícia, todo branco tem fazenda, todo branco é aproveitador, todo branco quer explorar o pobre, todo branco quer matar o pobre, atira contra o pobre, compra consciência do juiz, compra consciência do Deputado, mas com o Deputado Juruna não vai acontecer nada disso. Eu venho aqui com o coração limpo, com a consciência limpa, e quando assumi aqui eu sempre mandei recado: eu não venho aqui para puxar o saco de ninguém. Eu venho aqui para defender o povo. Eu sempre registrei a minha palavra. Eu sempre mandei recado para todo mundo e ainda eu recebi ameaças por telefone dizendo: “Você é índio bandido, você é índio safado, você é índio cara de pau”. Quem é cara de pau é branco, não é índio; quem é bandido é branco, não é índio. Eu nunca vi índio cara de pau, nunca vi índio picareta. Eu tenho visto branco picareta, eu tenho visto homem cara de pau. Eu sempre tenho acompanhado tudo isso.

Eu passo aqui na rua e uma mulher vem gritando ao meu lado: “Você é índio bandido e safado, você não é homem.” Então eu respondi à mulher: “Eu sou homem para ter relação com mulher, mas com home, não”. Então, a gente tem que acabar com isso, companheiros. Semana passada, também o meu companheiro Santana falou à Mesa sobre a falta de moral, sobre processo de calúnia. Não pode acontecer nada disso. Querem levantar a minha vida, saber onde nasci, quem foi meu pai, quem foi meu avô. Querem levantar a minha vida para me casar, para me processar. Eu tenho certeza de que, se fosse eu branco, eu processaria todo mundo, toda autoridade. Mas eu não posso processar ninguém. A gente vai morrer sem processo, e aí vai ser processado no buraco, depois de enterrado. Então o branco diz muito bem. Estou falando, e os companheiros entendem. Mas quando o branco fala, eu não entendo muito bem. Eu não entendo o que ele está dizendo. Então não é justo. Já chega de ameaças contra o Deputado Juruna, já chega de processos contra o Deputado Juruna. Eu não tenho nada dizer à conta de mim. Graças a Deus, eu tenho a consciência limpa, e muito mais do que qualquer companheiro que está ouvindo o meu discurso. Pediram que fizessem levantamento da minha vida: quem sou, onde nasci, se fui chefe de tribo, de comunidade. Já fui batalhador, já fui chefe guerreiro, já fui porta-voz de comunidade. Se não tivesse Juruna, o Brasil não tinha mudado. E ainda bem que eu fui eleito pelo Rio de Janeiro para defender a Nação. Então, eu me considero um porta-voz da Nação. Eu me considero um símbolo do Brasil. Não sou como o Delfim, que é o símbolo do FMI; Delfim é o símbolo do americano, o símbolo do estrangeiro. Então, eu me considero um símbolo do Brasil. Por isto, tenho muita consideração com a minha vida, com a minha gente. Eu peço a V. Ex^{as} que encerrem o processo contra Juruna. Quem manda aqui? Eu aceito o meu processo até onde possa chegar. Porém, eu marco a pessoa que me processa. Não esqueço nada. Não vou esquecer nunca, porque quero encontrar essa pessoa. quando terminar o mandato, sei onde vou encontrar essa pessoa. Ninguém brinca com Xavante. Eu sou da raça Xavante e V. Ex^a, o Lalau, conhece a raça Xavante. O xavante é homem guerreiro, é homem de guerra, não é homem de qualquer tribo. Não. Somos lutadores; somos defensores de comunidade de todo País. E V. Ex^{as} sabem muito bem que consegui oito reservas para os Xavantes em Mato Grosso. Eu mandei tirar muita gente de General Carneiro e de Xavantina em Mato Grosso. Agora, tem gente que não me conhece. Não sou homem de gravador, não. Sou homem de luta. Sou homem que defende o indígena. Sou homem que defende raça do índio. Como eu sempre disse: o Brasil é nosso. O Brasil foi roubado do índio. Quem roubou o índio foi o branco. Não foi o índio que roubou o branco, não é o índio que invade a terra do branco. Nós é que sempre fomos roubados. Ontem, fiz discurso dizendo que no Maranhão, um prefeito expulsou o índio de sua terra. No Território de Roraima, um juiz expulsa índio. Como é que faz isso com os pobrezinhos? Como um Juiz

tem coragem para fazer isso? Aqui, no Brasil, ninguém tem coragem, não, porque Juiz e Advogado sempre foi comprado pelos fazendeiros. Ninguém pratica a verdade, o certo. Muita gente pratica é a sujeira, é muita ruindade. Mas eu venho aqui com as mãos limpas. Quero que digam quem já roubei, quem já expulsei, quem já prendi, quem já matei. Qualquer Deputado pode levantar minha vida. Eu aceito isto muito bem. Antes de me processar levantem minha vida. O Brasil é meu. Não vou esconder nada. Vou continuar sempre como sou. Levanto a minha mão direita, levanto a bandeira do Brasil. Quem protege o Brasil sempre levanta a mão direita. Não é esquerda que levanta. Não sei se os companheiros entendam tudo isso. Então, hoje nós estamos preparando o nosso terreno. Hoje, a vida é bonança. Por quê? Porque a eleição está aí, porque o Governo vai mudar. Muita gente vai cair, porque não pode continuar como está, porque existe a política do branco, existe eleição. Por isso a gente está preparando o terreno o nosso caminho, por onde o povo vai. Mas quero registrar minha palavra, antes do encerramento. Se Tancredo ganhar, quero que Tancredo defenda o povo, quero que Tancredo assuma compromisso com povo. Não pode assumir compromisso com americano e não pode assumir compromisso com FMI. Já chega de FMI, o tempo dos militares, o tema do Exército, já passou. Quero que Tancredo Neves assuma compromisso com a mulher, com o índio, com o trabalhador, com o camponês. Já chega de dinheiro emprestado. Já chega! Aqui tem tanta terra. A terra está sobrando. Está faltando moradia para branco, para o índio. Está faltando roça para posseiro; está faltando tudo. Quero que Tancredo Neves faça reforma agrária onde e quando quiser. Ele tem capacidade para isso. Se não quiser, o Brasil vai continuar como está. Ninguém vai assumir ao lado do Brasil. Eu podia disputar eleição para Presidente da República. Aí sim, aí Juruna vai mudar tudo. Juruna vai mudar tudo e vai colocar muita gente na cadeia. Juruna vai processar todo mundo que não presta, que não vale nada, que não assume. Juruna vai pegar muita gente. Sou homem que sempre manda mensagens deste tipo. Agora, antes do encerramento, quero protestar também contra o comportamento do companheiro Agnaldo Timóteo, que fica falando que Juruna tem fazenda em Mato Grosso, que recebeu o gado holandês, que comprou trezentas cabeças de gado. Se eu tenho a minha fazenda não tem nada de mau, porque o branco tem fazenda. Por que Juruna não pode? Por que é índio? Não. Tenho a minha fazenda, não é de hoje; eu não era Deputado. Posso continuar dentro da minha fazenda, não preciso sofrer aqui; não preciso ficar de cabelos brancos aqui, no meio da civilização. Hoje, tenho muito cabelo branco. Quem tem muito cabelo branco é branco. Então, isso é uma calúnia que tem que acabar. Esse companheiro Agnaldo Timóteo briga com todo mundo. Já brigou com o Governador Brizola, já brigou com Tancredo Neves, já brigou com Aureliano Chaves, já brigou com o Senador Maciel, já brigou com o Senador Sarney. Então, parece que esse Agnaldo não tem defeitos, parece que esse Agnaldo é perfeito, parece que ele não tem direito. Ele é mais rico do que o Deputado Juruna. Ele tem gravações, está vendendo, explorando o povo. Por que ele não confessa suas próprias coisas ele mesmo? Agora, vai-se meter na vida dos outros? Quem pode dizer isso é o Deputado Juruna, que tem a consciência limpa, não teve nada com ninguém. Todos os Deputados sabem quem é o Deputado Juruna. Não sou um “picareta”, um “cara-de-pau”. Tenho coragem de falar de quem merece. Quero que V. Ex^{as} se lembrem do Brasil e do povo da nossa Pátria. No ano que vem o Brasil não vai mais afundar. Vamos tirar o Brasil do brejo. Então, o Brasil será do povo. Peço a V. Ex^a que nos ajudem a defender nossa Pátria, o nosso povo, dar-lhe moradia e dividir a terra para todos. Não é possível que apenas um fazendeiro ocupe 325 mil hectares e outras pessoas não tenham onde plantar. Vamos lutar juntos para dar terra para todo mundo.

Este é o meu recado. (Palmas.)